

A LÓGICA DO SENSÍVEL: A OPERAÇÃO DO PENSAMENTO SELVAGEM EM LÉVI-STRAUSS

MARIA ISABEL VEGA¹

Resumo: Este trabalho apresenta a lógica do sensível e demonstra como opera o pensamento selvagem de acordo com Lévi-Strauss. Para isso, o texto revisa capítulos de duas obras do antropólogo — *Totemismo hoje* e *O pensamento selvagem* —, abordando sobretudo o conceito de pensamento selvagem, um método de operar o pensamento através daquilo que é sensível, se caracterizando como uma “ciência do concreto”, além de discutir o totemismo, fenômeno utilizado pelos povos primitivos por propor uma operação lógica que os permite compreender o universo à sua volta.

Palavras-chave: Lógica do Sensível; Pensamento Selvagem; Totemismo

Em 1962, Lévi-Strauss publicou dois livros acerca dos processos e operações do pensamento humano aos quais nossa discussão gira em torno: *Totemismo hoje* e *O pensamento selvagem*. Nessas obras, o antropólogo desenvolve o estudo sobre as formas e a lógica do pensamento selvagem a partir da análise de etnografias e pesquisas realizadas por outros autores, contrariando em suas conclusões a ideia preconceituosa de que o pensamento dos povos *primitivos* seria inferior ao desenvolvimento dos *civilizados*. Sendo assim, explicaremos neste texto o que é a lógica do sensível e demonstraremos como opera o pensamento selvagem conforme Lévi-Strauss.

Na obra *Totemismo hoje*, o autor trata de um fenômeno muito discutido na até então e o qual considera ilusório: o pretense totemismo. Esse fenômeno costumava ser entendido como um método de nomeação e classificação de clãs e tribos *selvagens* a partir de espécies animais ou vegetais escolhidas apenas por apresentarem propriedades úteis a tais povos. Essa interpretação muda após a análise realizada por Lévi-Strauss, a qual julga que o totemismo não existe efetivamente da maneira retratada por aqueles que o estudaram, como Frazer, Boas e outros antropólogos. Segundo o autor, além de não existir uma definição concreta de totemismo, este pode ser considerado “uma unidade artificial que existe somente no pensamento do antropólogo e à qual nada de específico corresponde na realidade” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 21), ou seja, é uma ilusão proveniente de certos modos de reflexão que decorrem da tentativa ocidental de classificar e interpretar o pensamento selvagem. Como veremos adiante, Lévi-Strauss argumenta que o uso do mundo animal e vegetal pelos povos *primitivos* é realizado por propor uma operação lógica, um método de pensamento. Assim, o autor constrói o campo das possíveis relações presentes nesse fenômeno ilusório, colocadas entre a série *natural*, composta por categorias, e a série *cultural*, que apreende grupos e pessoas. Isso posto,

1 Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP).

podemos entender que o totemismo trata da relação metafórica entre os dois sistemas, natural e cultural, baseando-se na distinção e semelhança, seja entre espécies, como no primeiro, ou entre grupos, como no segundo.

Em vista disso, o antropólogo afasta-se da interpretação utilitarista do totemismo na qual acreditava-se que as espécies animais e vegetais eram designadas a determinados significados por serem ou não comestíveis. Assim, ele critica as teorias funcionalistas baseadas na utilidade do totem, como a primeira teoria de Radcliffe-Brown ou a de Malinowski, nas quais os elementos se tornavam totêmicos por serem “bons para comer” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.68). Para o nosso autor, tal escolha era realizada pela disponibilidade das espécies e pelo conhecimento adquirido através do contato entre os selvagens e estas, ou seja, mediante aquilo que lhes era sensível. O antropólogo também analisa interpretações de estudiosos como Firth e Fortes, por considerá-las mais satisfatórias do que as citadas acima. Esses dois autores acreditavam que a conexão entre totem e homem era fundada na percepção de semelhança entre ambos, entretanto, Lévi-Strauss propõe o contrário, isto é, que as *diferenças* entre eles se assemelham: os homens diferem uns dos outros da mesma forma que os animais diferem entre si. Aqui temos o argumento central do autor, expresso através do jogo de oposições, assim, o totemismo pode ser apreendido como um modo particular de correlações e oposições.

Para explicar esses encadeamentos lógicos do pensamento totêmico, Lévi-Strauss (1975) apresenta o exemplo dos gêmeos na cultura Nuer, relatado por Evans-Pritchard (1940), no qual os irmãos gêmeos são considerados *pássaros*. Esse raciocínio se constrói da seguinte maneira: os gêmeos, manifestando o poder espiritual, são “filhos de deus”, conseqüentemente, são do céu, a morada divina; assim, os gêmeos são “pessoas do alto” e se opõem às “pessoas de baixo”, ou seja, as pessoas comuns; os pássaros também são “do alto”, assemelhando-se aos gêmeos, porém, estes continuam humanos, sendo concomitantemente “de baixo”. Pássaros podem voar mais alto ou mais baixo, sendo assim classificados; dessa forma, os gêmeos são como os pássaros “de baixo”, isto é, pássaros terrestres, e, por isso, são chamados pelos nomes de aves como a galinha de angola e o francolim. Esse exemplo demonstra a interpretação de Lévi-Strauss de que as relações entre os humanos e as espécies totêmicas animais ou vegetais são de ordem metafórica, nas quais a oposição e a correlação produzem integração e tais espécies são escolhidas por serem “boas para pensar” (LÉVI-STRAUSS, 1975, p.94), por proporem uma lógica de pensamento que ajuda os *selvagens* a compreender o mundo ao seu redor, a natureza e a sociedade em que vivem.

O antropólogo também busca outras teorias para comprovar sua ideia referente ao funcionamento interno do totemismo, como a do filósofo Bergson e a segunda teoria de Radcliffe-Brown. Bergson apreende que as relações totêmicas são marcadas pelo *contínuo* e *descontínuo*, similarmente, Radcliffe-Brown observa no totemismo uma tentativa de conciliação entre *oposição* e *interação*. Desse modo, podemos perceber a aproximação de tais teorias com a ideia apresentada pelo autor em estudo, o que nos permite entender a originalidade do pensamento primitivo, apontada por Lévi-Strauss (1981) em *Mito e Significado*, de desempenhar o papel do pensamento conceitual

(científico) ao utilizar uma espécie animal ou vegetal para compreender um fenômeno, como o caso dos gêmeos Nuer.

Da mesma forma que em *Totemismo hoje*, no primeiro capítulo de *O pensamento selvagem*, Lévi-Strauss (2008) critica a análise utilitarista das classificações do pensamento primitivo e distingue métodos de produzir ciência. Assim, o primeiro argumento do autor gira em torno da rejeição da indigência do pensamento selvagem e do preconceito ocidental contra esses povos, visto que o pensamento primitivo, assim como toda forma de pensamento, tem sua base na *ordem*, isto é, há uma estrutura do pensamento e a produção de uma ordem. Em vista disso, pode-se compreender que o pensamento selvagem constitui uma *maneira de operar o pensamento*, capaz de ser encontrada, inclusive, entre nós.

O segundo argumento do autor demonstra, a partir de relatos de Handy e Pukui (1958) e Conklin (1954), o vasto e detalhado conhecimento dos povos *selvagens* sobre a biodiversidade à sua volta, com inúmeras classificações de espécies de plantas e animais, de modo que, para Lévi-Strauss (2008), assim como as sociedades modernas, tais povos são movidos pela ânsia de conhecimento objetivo, ou seja, pelo desejo de conhecer, por puro interesse intelectual, além do afeto e engajamento com o ambiente que também os conduz a essa forma de pensamento. Assim, Lévi-Strauss rompe com a ideia de que o conhecimento primitivo, desenvolvido de maneira sistemática e científica, devia-se apenas à sua utilidade, conforme diziam as teorias vistas anteriormente. Portanto, de acordo com nosso autor, a capacidade de classificação é uma característica do *pensamento humano*, de modo que a ciência moderna e os povos *selvagens*, agindo por meios intelectuais, teriam o mesmo método de observação empírica da natureza, a partir do qual iniciam seus sistemas de classificação, e o mesmo tipo de acervo, isto é, a experiência humana, diferenciando-se apenas nas operações e interesses do conhecimento, pois o objetivo dos *selvagens* é obter uma compreensão geral do universo, enquanto a ciência se preocupa com fenômenos específicos e os divide em diversas partes para investigá-los. Sendo assim, para Lévi-Strauss (2008), as espécies animais e vegetais não são conhecidas pelos *selvagens* por serem úteis, mas são úteis por serem conhecidas.

O autor também propõe a análise do pensamento mágico, pois considera magia e ciência formas de conhecimento diferentes em seus resultados, mas não em suas operações mentais. Dessa forma, o autor apreende dois modos de pensamento científico que se diferem na estratégia ao abordar a natureza: o primeiro é marcado pela percepção e imaginação, operando a partir do sensível, caracterizando a *ciência do concreto*, o pensamento mítico; o segundo se designa pelo afastamento entre natureza e operação científica, ou seja, é um conhecimento distanciado, deslocado, representando a *ciência moderna*. O antropólogo demonstra essa ideia a partir da oposição entre *bricoleur* e engenheiro, utilizando o primeiro como representante da ciência do concreto por trabalhar com as mãos, representando um conhecimento prático, o modo de pensar o mundo com as mãos e pelo “fazer”, da mesma forma que os *selvagens*, e por usar seu acervo de experiências anteriores, sendo cada componente representante das relações concretas e virtuais, assim como no pensamento primitivo os elementos se situam entre perceptos e conceitos. Em contrapartida, o engenheiro utiliza um conjunto finito de elementos pré-determinados para seu projeto, ou seja, opera através dos

conceitos, limitados, construindo seu conhecimento a partir das abstrações da natureza. Lévi-Strauss, por se aproximar da linguística, ressalta a existência de um intermediário entre o percepto e o conceito: o signo, pois este estabelece um laço entre a imagem ou percepto (significante) e o conceito (significado). Assim, é possível inferir que o pensamento selvagem opera através de signos, enquanto o pensamento científico moderno opera através de conceitos. Dessa forma, a diferença entre o pensamento mítico, representado pelo *bricoleur*, e a ciência moderna, representada pelo engenheiro, é que o primeiro elabora a estrutura a partir dos fatos e da organização do acervo de experiências anteriores, enquanto a segunda cria seus meios, resultados e fatos a partir da estrutura.

Outro ponto intermediário que o Lévi-Strauss (2008) propõe entre ciência e *bricolage* (pensamento mítico) é a arte, visto que esta exerce a capacidade de reproduzir uma totalidade, funcionando como uma metáfora, assim como o *bricoleur* e o totemismo, enquanto a ciência opera através da metonímia, substituindo um ser por outro ser. Assim, a arte parece se aproximar do pensamento selvagem à medida em que parte de um conjunto de objetos e fatos para descobrir uma estrutura, enquanto o mito, aproximando-se da ciência, utiliza a estrutura para produzir um objeto que ofereça a construção do conjunto de fatos.

Sendo assim, com base nas análises aqui discutidas, podemos concluir que, para Lévi-Strauss, a lógica do sensível é o conhecimento prático adquirido através de perceptos e daquilo que é concreto, ou seja, que se pode sentir, por isso o autor se refere a esse conhecimento como “ciência do concreto”. Por conseguinte, o pensamento selvagem e seus fenômenos, como o pretense totemismo, é expresso através dessa lógica e opera por meio de signos, metáforas, classificações, pares de oposição e pela observação empírica da natureza. Tal método de pensamento não é inferior ou menos desenvolvido do que o conhecimento moderno ocidental, mas apenas opera de forma diferente ao buscar resultados díspares e se concretizar de modo distinto àquele almejado pela ciência moderna, visto que o pensamento selvagem elabora a estrutura a partir dos fatos e a ciência cria seus fatos a partir da estrutura, como foi demonstrado. Essa análise do autor foi definitivamente essencial para a transformação do pensamento científico e antropológico sobre os povos considerados primitivos, pois possibilitou um entendimento de similitude entre modernos e *selvagens* quanto à produção de uma ordem do pensamento e à operação lógica de observação da natureza a partir da relação de oposição e semelhança, mostrando, assim, a capacidade lógica dos humanos como um todo e rompendo com preconceitos que, após seus estudos e abordagem, podem ser considerados incabíveis. Finalizemos, então, com a seguinte reflexão do antropólogo, expressa em *Mito e Significado*, que sintetiza a ideia internalizada nas análises aqui esclarecidas: “a mente humana, apesar das diferenças culturais entre as diversas frações da humanidade, é em toda a parte uma e a mesma coisa, com as mesmas capacidades” (LÉVI-STRAUSS, 1981, p. 30 e 31).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONKLIN, H. C. The Relation of Hanunóo Culture to the Plant World. Doctoral Dissert., Yale. 1954 (microfilm).

HANDY, E. S. Craighill and PUKUI, M. KAWENA: The Polynesian Family System in Ka'U, Hawai'I. The Polynesian Society. Wellington, N. Z. 1958.

LÉVI-STRAUSS. *Mito e Significado*. Edições 70. Lisboa. 1981. cap. 1 e 2.

LÉVI-STRAUSS. *O pensamento selvagem*. Editora Papirus. Campinas, SP. 2008. cap. 1

LÉVI-STRAUSS. *Totemismo hoje*. Editora Vozes LTDA. Petrópolis, RJ. 1975. Introdução, caps.1, 3, 4 e 5.